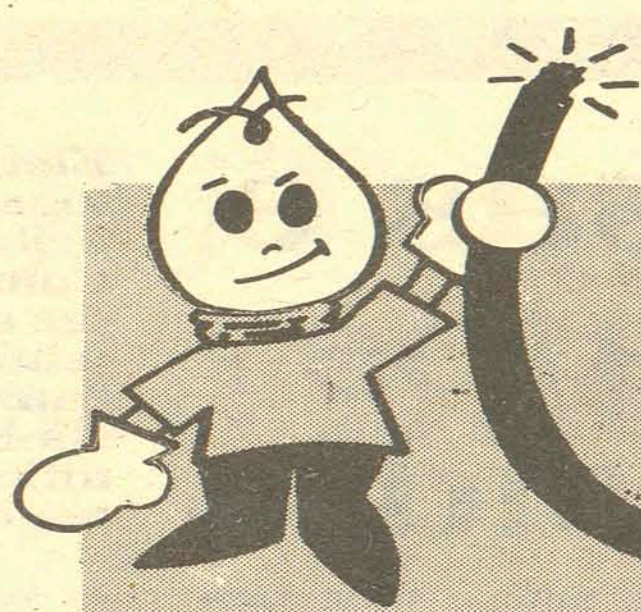




SETOR ELÉTRICO
VIOLÊNCIA
As punições continuam

Intersindical dos Eletricitários SC

06/12/90 N° 119

Hora de decisão para celesquianos

A Intersindical vai defender greve nas assembleias que acontecem hoje na Celesc. É momento de decisão da campanha salarial. CEEE e Itaipu entraram em greve ontem por reajustes.

Não há como dizer outra coisa. Nas assembleias que acontecem hoje na Celesc é tudo ou nada. A empresa calou-se completamente sobre questões salariais, o processo de dissídio continua nas mãos do juiz-relator do Tribunal Regional do Trabalho. E o celesquianos sentiram no último contra-cheque o peso do arrocho.

A Intersindical vai defender greve por tempo indeterminado nas assembleias. "Não há como defender outra coisa", explica Arno Cugnier, diretor do Sinergia, "não vamos empurrar greve goela abaixo, mas a categoria tem que perceber que se nada fizermos vamos ter que esperar sentados o resultado do Tribunal".

A proposta da Intersindical é que a greve seja deflagrada a partir do dia 10, para cumprir os dispositivos legais necessários. Os sindicatos avaliam que o clima mudou na Celesc. "Quando recebeu o contracheque a maioria do pessoal se deu conta do que está acontecendo e do que está por vir", comenta o presidente do Sindicato dos Eletricitários do Vale do Itajaí, Isaltino Pedron.

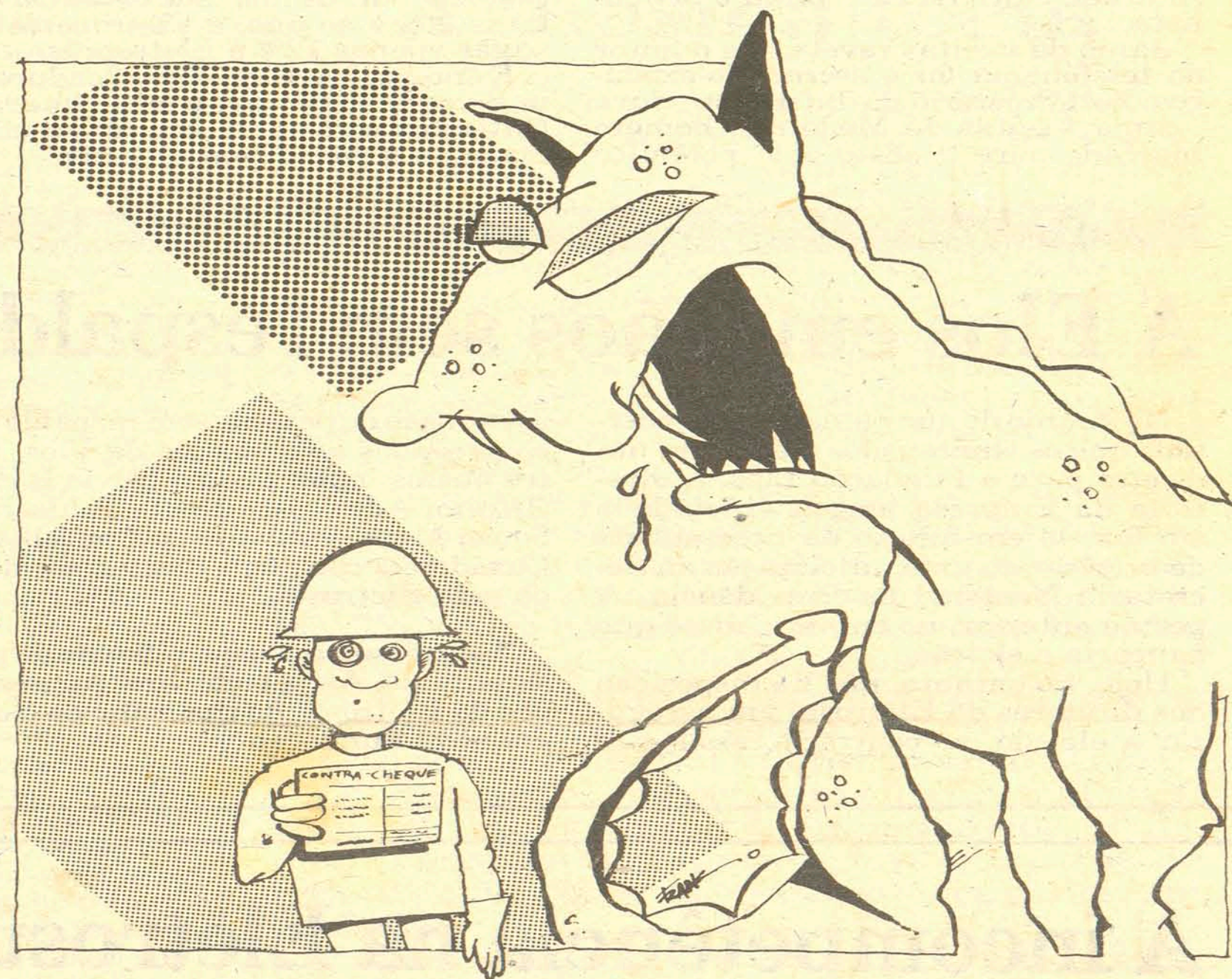
Depois da realização de dezenas de reuniões por local de trabalho em todo o estado a mobilização aumentou consideravelmente

na empresa. Mas para a Intersindical isso é apenas um indicativo. "Quem sabe se há mobilização suficiente para bancar uma greve é a própria categoria".

Enquanto a Celesc se nega a sentar e discutir uma proposta de reajuste, a Enersul fechou um acordo com os seus empregados com um reajuste de 50% e mais 9% de produtividade. Além disso os eletricitários do Mato Grosso do Sul receberam a inflação de março (84,32%) em três parcelas, a partir de janeiro. Também foi acordado um auxílio refeição de 550 cruzeiros e mais garantia no emprego e novas negociações em junho.

O pessoal da CEEE e de Itaipu não obteve bons resultados nas suas negociações, mas não deixaram por menos. Desde a meia-noite de ontem eles estão em greve, buscando arrancar acordos favoráveis das empresas.

A mobilização na Celesc, no entanto, ainda enfrenta alguns problemas, especificamente pela atuação de algumas associações como a APOUS-Celesc (Associação dos Operadores da Celesc). "Esta entidade não compreende o sentido em que deve atuar, e acaba dividindo o movimento e os próprios operadores", afirma Aramis Novaes, presidente do Sindicato dos Eletricitários do Norte do



Estado. Para ele a atuação da entidade na defesa de interesses específicos se confunde com a divisão que interessa a empresa. A APOUS até foi convocada para uma reunião de Intersindical, mas não compareceu na empresa. "Não adianta termos uma gratifi-

cação de função para os encarregados de subestações maior se a maioria dos celesquianos passa dificuldade" comenta Aramis. Mas ele acredita que a consciência dos próprios operadores vai superar o impasse e solidificar a união dos celesquianos.

Solidariedade aos punidos

No dia 29 de novembro o presidente do Sinergia, Mauro Passos, esteve na 2ª Junta de Conciliação e Julgamento de Florianópolis. Ele foi depor no processo que apura "falta grave" que teria sido cometida durante a última greve da Eletrosul. Mauro está com o seu contrato de trabalho suspenso, sem receber salário. Mesma situação em que se encontra Delman Ferreira, que além de diretor do Sinergia é secretário da CUT Nacional.

Seria uma simples audiência não fosse a presença de mais de

uma dezena de sindicalistas que foram até lá se solidarizar com Mauro. Eles levaram uma carta para entregar ao preposto da empresa, que negou-se a receber o documento. O advogado da Intersindical, então, juntou a carta aos autos do processo. O texto repudia a atitude punitiva da Eletrosul contra lideranças sindicais. "É difícil acreditar que estejamos vivendo, em plenos anos 90, o recrudescimento de práticas que marcaram o regime militar", diz o texto. As entidades exigem a imediata revogação de todas as punições.

A audiência em si não teve resultados significativos. A assessoria jurídica da Intersul solicitou mais prazo para apresentar novos documentos ao processo, bem como arrolar testemunhas.

Mauro, que é réu neste processo, vai depor como testemunha em outro processo. É o processo do "caso Ilha Grande", a usina de milhões de dólares cuja obra a Eletrosul não terminou. A Vara de Execuções Penais, por indicação da Procuradoria-Geral do Estado do Paraná denunciou com base em investigações policiais, Aroldo Maran Figueiredo, Rudnei Francisco Mascoti de Oliveira, Luiz Fernando Achá Mercado, Celso da Silva Thibes e Arturo Andreoli.

A Procuradoria identificou que o setor de medição de custos da obra elaborou memoriais de cálculos "ideologicamente falsos". O caso envolveu o pagamento de horas/máquina pertencente à empresa CBPO. Os recursos "angariados" nas operações seriam destinados a financiar campanhas eleitorais do Partido da Frente Liberal no Paraná e Santa Catarina.

ELETROSUL

Ação sindical está sendo impedida

A Diretoria da Eletrosul está tentando reeditar a Resolução de Diretoria que tenta impedir a ação dos sindicatos dentro da Empresa.

É uma medida que se soma a outras, como a redução do número de dirigentes sindicais liberados, no sentido de atacar a organização dos empregados.

Outras diretorias já tentaram aplicar esta resolução, mas os eletricitários garantiram com a mobilização a presença dos sindicalistas no dia-a-dia da empresa, assim como a distribuição de boletins.

No mês que passou a Eletrosul não processou o desconto das mensalidades da Aprosul. Todas as demais entidades tiveram os descontos em folha. A diretoria da Aprosul esteve com o presidente da Empresa que comprometeu-se em reconsiderar esta questão.



Mauro, o advogado e os representantes da Empresa

Negociata de Cr\$ 3 bilhões

O jornalista Jânio de Freitas fez uma importante denúncia no jornal Folha de São Paulo no dia 30 de novembro. "Embora estejam proibidos os pagamentos de dívidas atrasadas do governo com seus fornecedores, dois telefonemas sumários foram suficientes para efetivar uma estranha operação, pela qual a Eletrobrás concedeu à Eletronorte, dia 27, o empréstimo de 3 bilhões e 300 milhões de cruzeiros para pagamento de atrasados à empreiteira Andrade Gutierrez", relatou o articulista.

Jânio de Freitas revela que o autor do telefonema foi o secretário-executivo do Ministério da Infra-Estrutura, Sima Freitas de Medeiros, homem indicado para o posto pelo polêmico

Paulo César Farias, o "PC" Sima é conhecido por ser "captador de recursos" para várias campanhas políticas.

O mais curioso de tudo é que a Eletronorte sequer havia solicitado empréstimo que foi aprovado por uma reunião da diretoria da Eletrobrás. José Maria Siqueira de Barros, presidente da Eletrobrás, defendeu a liberação do empréstimo com urgência, tanto que o Conselho de Administração da empresa sequer foi ouvido. Enquanto os juros reais de mercado estão em volta de 200% ao ano, a Eletronorte vai pagar apenas 12% à Eletrobrás.

Enquanto a Eletrobrás "endurece" nas negociações salariais, Andrade Gutierrez comemora com cofre cheio mais um negócio bem sucedido.

FUNDAÇÃO

A Elos em mãos sem respaldo

No Acordo do ano passado ficou acertado que os empregados elegeriam um diretor para a Fundação Elos. A diretoria da Empresa alegou dificuldade em fazer-lo em função da necessidade de precisar de uma autorização da Secretaria Nacional da Previdência. A gestão anterior, no entanto, disse que bancaria a eleição.

Hoje, no entanto, não há disposição dos diretores da Eletrosul em assegurar a eleição, ao contrário, assiste-se

a ascensão de pessoas sem respaldo dos empregados ao comando da Elos. Entre outros, nomes como Silvio Rorato (Diretor Administrativo) e Adilson de Souza Mello (suplente do Conselho de Curadores) compõe a diretoria indicada pela Eletrosul.

Além disso, ocorreu a retirada do presidente da Associação dos Aposentados da Eletrosul do Conselho de Curadores da Fundação.

A incompetência na Eletrosul

Tendo assumido a direção da Eletrosul em um discurso de "modernidade" a diretoria presidida por Amílcar Gazaniga vai deixando clara sua verdadeira face de descompromisso com a função social da empresa. A denominada Reforma Administrativa vai mostrando seus efeitos: nomeação de chefias de qualificação questionável, designação de cargos de assessoria para um círculo restrito, ai incluídos parentes.

Admissão só por Concurso Público, anseio antigo dos empregados, nem pensar. E as razões são óbvias. Tanto assim que, num momento em que se fala em enxugar estatais, é admitido em julho o amigo de Gazaniga, Fernando Deichman Pereira, nos níveis salariais mais altos da empresa. Enquanto isso o arrocho salarial atinge um índice de perda que exige reposição superior a 400% e o autoritarismo vai se refletindo em demissões e suspensões.

O não pagamento das indenizações aos agricultores da região de Itá continua gerando uma tensão social insuportável. Eles tiveram suas terras desapropriadas para a construção da usi-

na, mas o pagamento das indenizações tem sido permanente e inconsequentemente adiado. Mas, o mais grave é a decisão deliberada da empresa em não realizar manutenções preventivas nos equipamentos, o que compromete o fornecimento de energia elétrica para toda região sul.

A irresponsabilidade chegou a tal ponto que até os serviços de vigilância das subestações (área de segurança) estão sendo retirados. O resultado desta "eficiente" prática administrativa é a paralisia completa da empresa, com a desmotivação profissional provocando a demissão voluntária de muitos de seus qualificados e antigos técnicos. A Intersindical dos Eletricistas do Sul do Brasil denuncia esta situação, entendendo que os trabalhadores da Eletrosul e a população dos quatro estados do sul não merecem que uma estatal com uma função social fundamental esteja sendo gerida com tanto descaso e irresponsabilidade. Energia é coisa séria.

Vereador Vitor Schmidt

Linha Viva é uma publicação semanal da Intersindical dos Eletricistas de Santa Catarina que tem 7500 exemplares. Diretor Responsável: Glauco Marques. Editores: Gastão Cassel (DRT-RS 6166) e Rosângela Bion (DRT-SC 1019). Diagramação: Vera Rotta. Ilustração: Franck Maia. Im-

pressão: Gráfica do jornal O Estado. Redação: Rua Lacerda Coutinho, 21, Fpolis-SC. fone (0482) 22-3866, telex 481555. As matérias assinadas não correspondem necessariamente à opinião do jornal.

Empresas e sindicatos com dissídio

Contrariando o que havia afirmado anteriormente, o fórum das empresas interrompeu as negociações e ajuizou dissídio no Tribunal Superior do Trabalho na quinta-feira passada. Na última reunião com o CNE — Comando Nacional dos Eletricistas, as empresas disseram que haviam chegado aos seus limites de negociação, mas concordaram com os trabalhadores quando estes disseram que tentariam abrir novos canais de negociação junto ao governo, ou seja, sequer foi ventilada a possibilidade do ajuizamento.

O CNE, através de sua assessoria jurídica, está preparando a defesa das reivindicações da categoria, tanto para a reunião de conciliação, que acontece dia 14 no TST, quanto para o julgamento, que dificilmente ocorrerá antes de março. As negociações foram, na prática, encerradas pelas empresas.

A posição do CNE diante desta situação é de que devem ser feitas assembleias em cada empresa para fazer acordos parciais. As cláusulas que não forem acordadas serão levadas a dissídio.

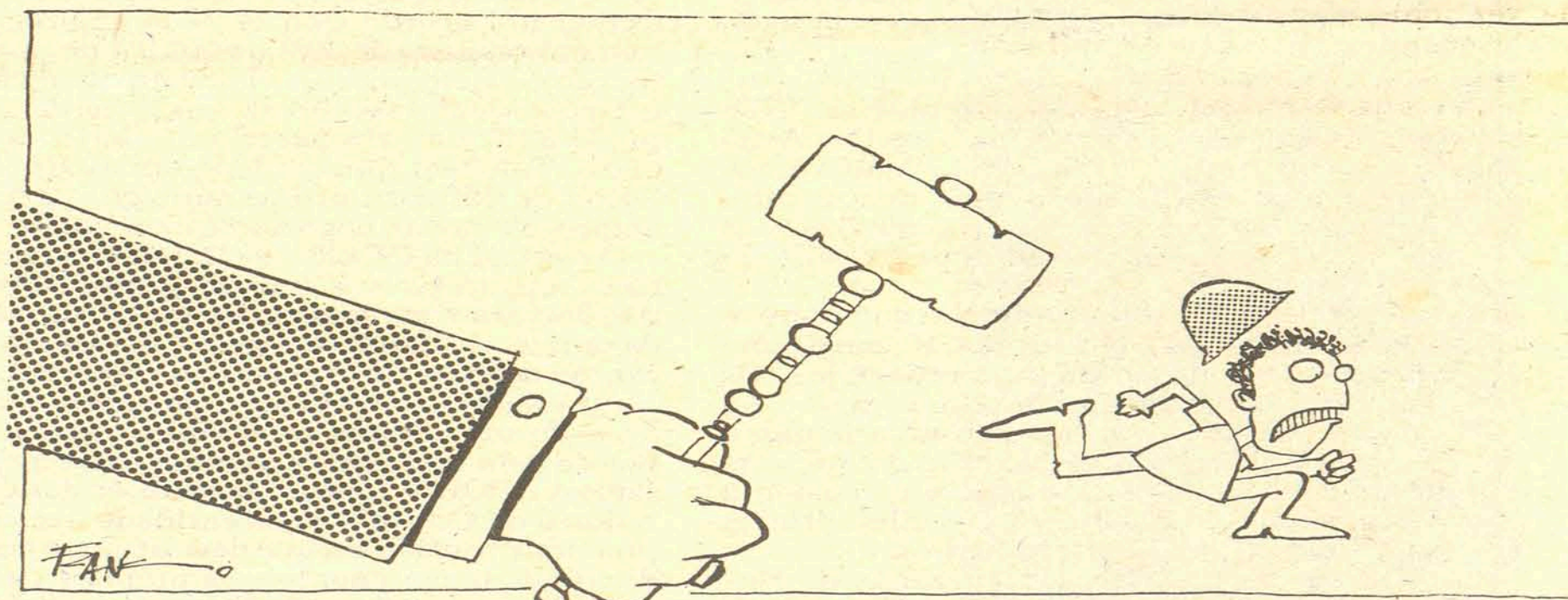
Apesar da disposição de negociar por parte das empresas, o CNE está tentando abrir diversos caminhos para a negociação, procurando evitar que tudo fique nas mãos do TST.

Eletrobrás tenta jogar tudo para o Tribunal, enquanto o Comando Nacional faz contatos políticos tentando abrir novos canais de negociação. Na Eletrosul há dificuldades na negociação.

O comando esteve reunido com todas as lideranças do Congresso Nacional e com a comissão de trabalho da Câmara Federal. O presidente desta comissão, dep. Amaury Muller (PDT-RS) fez contato com os ministros Magri e Passarinho, o que disseram ser favoráveis à anistia dos punidos na última greve. Segundo o ministro, a resistência à anistia está no ministro Ozires Silva, da Infra-estrutura.

Na Eletrosul, as negociações estão entravadas em 4 pontos: liberação de dirigentes sindicais, isonomia, turno de revezamento e representantes sindicais. Assim que haja uma posição da empresa sobre estas questões, será convocada assembleia para discutir a contraproposta da empresa e avaliar a possibilidade de um acordo parcial.

O coordenador da Intersul, Mauro Passos, está preocupado com o clima que existe dentro da Eletrosul. "Parece que deu certo a técnica de punir para assustar. Faz dois meses que estamos em uma negociação extramamente difícil e a categoria ainda não entrou em campo", destaca. Para Mauro, "se a gente não tratar de botar o bloco na rua, de se mobilizar e demonstrar esta mobilização, tudo vai ficar para o TST, que não nos traz boas lembranças..."



ALTA TENSÃO

Fechado acordo na Usina Xanxerê

Depois de ameaçar uma greve os empregados da Hidrelétrica de Xanxerê estão comemorando a assinatura de um bom acordo coletivo entre a empresa e Sindicato de Lages. O reajuste total chegou a 206%. O reajuste nominal foi de 160,01% no salário de março, mas somado a uma cesta básica mensal de 50% do salário mínimo resulta em um reajuste razoável. Além disso, os eletricitários da Xanxerê garantiram todas as conquistas anteriores, mudaram a data-base de janeiro para novembro, e obtiveram benefício médico e exames complementares.

Sintrafesc na CUT

O Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Federal de Santa Catarina (Sintrafesc) decidiu no

último dia 21 filiar-se à Central Única dos Trabalhadores. Quarenta dos 800 sindicalizados participaram da assembleia. A entidade tem 3 mil trabalhadores na base e foi fundada em 5 de novembro de 1988. O Sintrafesc também decidiu pela filiação à Confederação Democrática dos Servidores Públicos Federais, criada em agosto de 90, que irá encaminhar a campanha salarial da categoria, que tem data-base em 1º de janeiro e acumula uma defasagem de 400%.

Escola de Itá na final do concurso

Os arquitetos da Eletrosul Domingos Augusto de Marchi, Luiz Fernando Luz, Luiz Edgard Pereira, Maurício Veiga Korb, Raul Fargendler, Ronaldo Goldmaier e Soraia Nôr com o projeto de Escola Desmobilizável foram um dos finalistas do prêmio "O Fibrocimento

“A CUT nunca esteve neste pacto social”

Gilmar Carneiro é Presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo e Secretário-Geral da CUT Nacional. Nas discussões sobre o pacto social ele sempre defendeu, junto com Jair Meneguelli, a participação da Central no “entendimento nacional”. Nesta entrevista ao repórter Jacques Mick, ele avalia o pacto social, a situação econômica do país e a postura da CUT no momento político. (NOIS)

O governo diz que o “entendimento nacional” é a única saída para baixar a inflação. A CUT acha que é por aí?

GILMAR - Não, isso é conversa para boi dormir, é mentira. O que precisa no Brasil para baixar a inflação é uma modificação estrutural da economia, que passa necessariamente por não pagar a dívida externa e replanejar a produção.

Então, está na hora de a CUT sair do pacto?

G - Olha, a CUT nunca esteve no pacto. Nós temos aproveitado este espaço para dialogar com a sociedade inteira, mostrar que a CUT tem proposta, que negocia a sério, que dialoga e que, quando mobiliza, faz um greve, não é pelo radicalismo puro e simples. É por necessidade de recuperar o poder de compra dos trabalhadores. E o governo é conservador, evidencia cada vez mais o seu caráter incompetente na administração da inflação. Mas eu acho que nós temos que aproveitar os espaços e mostrar para a sociedade que existe outras alternativas, outros projetos. E uma coisa não exclui a outra: você pode negociar e mobilizar simultaneamente.

No nível de arrocho em que estão as categorias, por que é tão difícil agora levar adiante o processo de organização dos trabalhadores?

G - Tem três fatores que pesam muito. O primeiro fator é que nós temos um governo que, embora eleito pelo povo, é extremamente autoritário. O segundo fator é que, quanto maior a recessão, mais difícil se torna a mobi-



lização, porque a necessidade do emprego obriga as pessoas a serem mais cautelosas nas lutas. E um terceiro fator é o fato de nós estarmos entrando no mês de dezembro, onde, por mais que seja pobre o Natal, o Ano Novo, em função da crise econômica, mas sempre interferem na dinâmica da vida das pessoas, da família e do trabalho. Esse mês de dezembro poderá ter alguma novidade, mas precisa ser um fato novo muito forte para poder desencadear um processo de greves ou de grandes manifestações populares. E por isso inclusive que a gente vem sinalizando que a ausência de salário poderá levar a uma explosão social, muito mais espontânea do que a planejada pelo movimento sindical, neste mês de dezembro.

Como é que fica a divisão das

correntes da CUT depois da entrada, na Central, da Unidade Sindical e da Corrente Sindical Classista?

G - A entrada do PC e do PC do B, que são identificados no movimento sindical como Unidade Sindical e Corrente Sindical Classista, é positiva para a CUT porque amplia o leque de representação para praticamente todas as organizações de esquerda no Brasil. A CUT é a única central classista no país, comprometida efetivamente com os objetivos imediatos e históricos dos trabalhadores. As demais centrais não têm o compromisso de defender a democracia onde a maioria da população, que são os trabalhadores, esteja realmente governando.

Mas a disputa por espaços políticos dentro da Central não ofusca essa atuação classista da CUT?

G - A CUT sempre foi pluralista, do ponto de vista das suas concepções internas. E ela tem um outro objetivo também, que é o respeito às suas instâncias. Lamentavelmente, agora com esse negócio da negociação nacional, uma parcela da executiva está publicamente dizendo que não acata as deliberações em relação à negociação com o governo. Nós achamos que isso abre um precedente muito grande na Central, que é a minoria não se submeter à maioria, e isso poderá futuramente criar uma cisão a nível nacional, podendo até desembocar num processo de divisão da Central. Mas é um processo de aprendizagem com a democracia e os trabalhadores que terão a última palavra, para dizer se fica todo mundo junto ou se divide.

Auxílio alimentação

Diante de comentários e dúvidas a respeito do auxílio alimentação na Celesc, a Intersindical esclarece que defende a cláusula pelo seu princípio — garantir a alimentação a quem trabalha. Por isso, na perspectiva de evitar o uso do benefício para outros fins, os sindicatos querem fiscalizar o credenciamento dos estabelecimentos comerciais a serem conveniados.

TRIBUNA livre

* Alver Coelho Figueiredo
Eletrosul - Tubarão

A mesma tecla

No “Linha Viva” nº 113, de 25/10/90, foram publicados dois artigos sumamente importantes, a meu ver, a todos os funcionários da Eletrosul, quais foram: “Empregados não querem Silvío” e “a Celos e os Empréstimos”.

No primeiro destacava-se a contrariedade generalizada pela indicação do Sr. Silvío Roratto para ocupar a presidência da ELOS, o qual, na afirmação dos Sindicatos da Classe, adotava uma postura marcada pelo descaso e pela prepotência no trato aos interesses dos empregados.

No artigo seguinte, “a Celos e os Empréstimos”, se evidenciava, além das distorções que vêm ocorrendo com as amortizações dos empréstimos, as atitudes e argumentação do Sr. Tulné Sebastião Velho Vieira, um dos representantes da Celos, umas das quais é digna de destaque: “... e quem não estivesse de acordo que não os tomasse”.

O que fica evidenciado por estas atitudes? Obviamente, em primeiro lugar, o desrespeito para com o corpo de funcionários, sentimento esse para o qual os protagonistas de repente não estão lá muito preocupados em desfazer.

Em segundo lugar, a clara contradição que esse tipo de atitude causa, quando a comparamos com as orientações que emanam do corpo diretivo da própria Empresa (Eletrosul), quando diz: “o objetivo é dar à Eletrosul, seus empregados e dependentes o tratamento de uma grande família”, ou : “comungar com os anseios e esperanças de todos”.

É uma utopia, todos nós sabemos, tentar congrassar e unir o corpo de funcionários da Eletrosul em torno e um “status quo”, quando nem um tratamento rudimentarmente respeitoso sequer, é dado por um dos seus órgãos principais — a Fundação Eletrosul de Previdência e Assistência Social.

É bater sempre na mesma tecla querermos nos aglutinar no sentido de cumprir com a nossa parte, nós funcionários, enquanto, na direção de determinados órgãos da Empresa (Elos, DRH's, etc.), continuar havendo pessoas que destoam das orientações que emanam da direção superior, muito embora sejam e tenham capacidade profissional suficiente para agir ao contrário.

Sejamos coerentes! Vamos colocar em prática todas as belas teorizações que têm constado nos “Saiba” e nos “Linha Viva”.

A Tribuna Livre é um espaço aberto. As matérias, devem ser remetidas para a redação, assinadas, datilografadas, e nunca com mais de 40 linhas de 70 toques. A publicação ficará a critério dos editores.

Contradições no país da perestroika

LINHA aberta

Como foi o Congresso da FSM?

Delman — Teve uma abertura oficial com autoridades, prefeito de Moscou, etc... e depois abriram a palavra para os representantes dos países fazerem sua saudação, e logo iniciaram as sessões plenárias. Teve dois dias de discussão em grupo, mas não há temas pré-estabelecidos, cada um tem 10 minutos para falar o que bem entender. No período de preparação do Congresso há espaço para a elaboração de teses sobre qualquer tema. Desta vez falou-se muito das questões regionais: Chegava o pessoal do Iraque e se queixava do bloqueio internacional, daí vinha o pessoal do Kuwait reclamar do Iraque, vem um pessoal separatista do Canadá defender a independência do Quebec, e assim por diante...

Como foi o comportamento da CUT no Congresso?

D — A crítica que nós fazemos é que se perdeu uma grande oportunidade de discutir o que está acontecendo na economia mundial e o papel dos sindicatos numa nova economia de mercado que se abre no leste. Porque hoje os sindicatos vão ter um papel diferenciado lá, não vão mais poder ser extensão do estado. A gente só não fez a crítica formalmente porque a CUT não é filiada e nem pegaria bem fazer uma crítica sendo apenas convidada. A CUT não é filiada a nenhuma central internacional e sofre muita pressão para que se filie. Eles inclusive nos deram direito a voto, mas nós fizemos questão de não utilizá-lo.

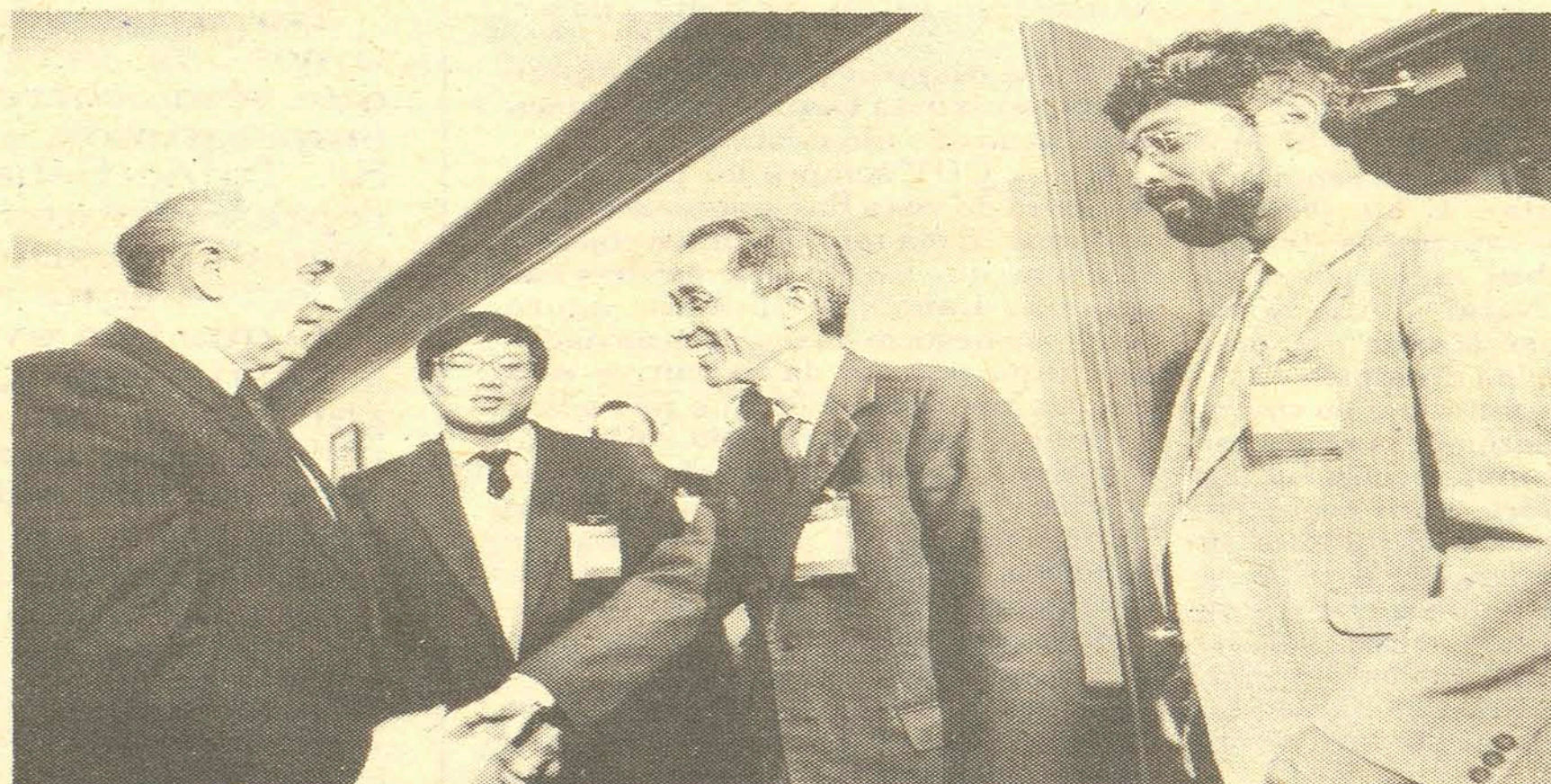
E a audiência de Gorbachov?

D — O pessoal que estava na mesa do Congresso foi falar com o Gorbachov, e eu representava a CUT na mesa. Ele fez um discurso sobre a Perestroika, falou da crise e das dificuldades dos soviéticos e reafirmou o socialismo. Garantiu que a partir de janeiro vai ter um perfil preciso da economia da URSS. Falou também sobre o Golfo Pérsico, salientando que pode haver uma solução negociada para o conflito.

Antes da entrevista tu falou que furou o protocolo e percorreu ruas para sentir o clima dos soviéticos, para sentir a sociedade...

D — Não dava para ficar conhecendo só o país oficial. Então a gente fugia da oficialidade, pegava um ônibus e ia para o meio do povo, enfrentando a barreira da língua. Então a gente provocava perguntando sobre o socialismo, e eles respondiam: "socialismo não". A gente percebeu que a discussão deve ser sobre o que é socialismo. Tivemos a oportunidade de fazer uma reunião com alguns universitários que se diziam cientistas e que estão militando na construção de um partido social democrata. Eu disse a eles que o socialismo fazia parte das bandeiras da CUT. Um deles perguntou o que era socialismo e eu falei que era uma sociedade com justiça social, com saúde e educação para todos, sem exploração, com oportunidades iguais para todos. E o cara me disse: isso é capitalismo. Ou seja, há uma questão anterior a ser discutida. Eles tem críticas à Perestroika, especialmente dizendo que ela é um processo controlado de abertura da economia sem a preocupação de melhorar a vida da população, querendo garantir que a cúpula do Partido continue sendo uma classe dominante, a nova burguesia. Há também uma análise que

Atravessar o oceano e chegar a Moscou, no coração da Rússia milenar, naturalmente é uma experiência rica. Mas se isso acontecer em plenos anos 90, com a Perestroika, as mudanças políticas em curso e com direito a um contato direto com Mikail Gorbachov, melhor ainda. Agora, se esta viagem for feita por um sindicalista atento ao que está acontecendo, que busca naquela experiência lições para luta diária por um sociedade justa, a coisa esquenta muito mais. Tentando captar a riqueza deste movimento, o Núcleo Organizado de Imprensa Sindical — NOIS — entrevistou Delman Ferreira. Ele é secretário da CUT Nacional, diretor do Sindicato dos Eletricistas de Florianópolis e chegou de Moscou na semana passada. Ele foi até lá representando a CUT no Congresso da Federação Sindical Mundial, mas não resistiu e fugiu da programação oficial para se misturar com o povo e saber o que aquela gente pensa da nova revolução por que estão passando e, também, daquela ocorrida em 1917.



Gorbachov, um sindicalista chinês e Delman, no Kremlin

todo mundo faz lá de que a União Soviética não se mantém, as 15 repúblicas vão acabar se separando. Os próprios russos querem se separar, achando que eles sustentam as outras repúblicas.

Como eles sustentam a crítica à abertura?

D — A questão é que hoje tudo é propriedade do povo, então eles vão criar leis para que o capital estrangeiro entre no país, mas não vai poder entrar sozinho, e sim associado a grupos nacionais, assim o que era propriedade do povo vai ser ou propriedade do Partido ou de algum grupo. Da burocracia estatal nasceria uma nova burguesia.

Então a crítica é ortodoxa?

D — Eu diria que é romântica. Eles querem manter as conquistas sociais do socialismo com uma economia de mercado, com a livre iniciativa. Eles querem um mercado de concorrência sem pagar nenhum custo social por isso.

Como está a qualidade de vida lá?

D — Do ponto de vista das condições básicas é algo fantástico. Todos têm apartamentos de três cômodos, calefação, água, luz e telefone. Culturalmente há um nível muito alto. Todos têm acesso a teatros, cinemas, circos. Nas ruas há muitas manifestações

culturais. Lá o pessoal sai do trabalho e antes de ir para casa anda pelas ruas para esta convivência cultural. Também o sistema de saúde é eficiente e gratuito. O problema que eles estão enfrentando agora é com o desabastecimento causado pelo bloqueio à Rússia por parte das outras repúblicas e por causa de uma onda de consumo.

E como está o processo de desestatização da economia?

D — Não dá para traçar paralelo com o que a gente conhece. Lá o estado está presente em tudo. Na sapataria, na sorveteria, no táxi... todo mundo é funcionário público e tem um salário equivalente. Por isso é uma hipocrisia fazer o que faz a direita daqui, dizendo que até o leste europeu percebeu que as coisas não podem ser estatais. A questão é que não se trata de uma desestatização, mas de uma desburocratização.

Mas como isso está ocorrendo?

D — Agora eles criaram a figura das cooperativas. Tem muito no setor de vestuário. Mas os preços das cooperativas são muito maiores, até dez vezes mais do que os preços oficiais. Mas isso não atingiu o parque industrial, as grandes fábricas. Para estas está reservada a internacionalização. Mas é um

processo ultracontrolado. Eles estão começando a discutir isso agora.

Como são definidos os salários?

D — É com base em estudos de necessidades. Mas há algumas coisas que são difíceis da gente entender. Um professor universitário, por exemplo, ganha 300 rublos se estiver no topo da carreira. Um motorista de ônibus ganha 400 rublos podendo fazer trabalho extra e chegar aos 700. Um operário facilmente faz mil rublos. Para nós isso é muito estranho, um cara que estudou a vida inteira ganhar menos do que um operário. Isso se deu por causa do culto à classe operária na Revolução. Era tudo para o operariado. Mas hoje já começa a haver uma reação a isso. Inclusive os sindicatos livres que estão se organizando não admitem operários, são basicamente de profissionais liberais.

Como eles vêem hoje a Revolução de 1917 e as figuras como o Lênin, que sempre foram cultuadas lá?

D — Eu fiquei chocado com isso. Eu acho que há uma distorção total do que a gente conhece e sabe de Lênin, por exemplo. Eles transformaram o cara em uma figura onipresente, onde tu vai tem uma figura, um busto, uma foto dele. O mausoléu dele é uma coisa chocante: filas e filas para ver ele embalsamado, como um velório que não acabou... É uma idolatria, calculam que 600 milhões de pessoas já passaram por ele.

E o que um russo comum pensa disso?

D — Há um movimento para enterrar o Lênin e há quem defenda que permaneça assim como está. Isso é extremamente polêmico. Mas há gente que acredita que assim como há a idolatria pode vir a execração.

Que impressão tu teve da sociedade soviética?

D — A impressão de que tudo está em ebulição. Eles estão discutindo tudo o dia inteiro. Encontramos numa esquina uma manifestação a favor da volta do czarismo e as pessoas que passam debatem as idéias do comício. Encontramos manifestações de trotskistas e de diversos outros grupos políticos. É interessante que os grupos socialmente representativos ocupam um grande espaço, controlando jornais e noticiários de TV.

Para quem, como tu, é um militante em favor do socialismo, o que passa pela cabeça depois de uma viagem dessas?

D — A primeira coisa é a utilização que a mídia ocidental faz das mudanças para fazer propaganda contra o socialismo. A gente vê que os russos não negam o socialismo, eles negam um rótulo, mas não abrem mão da justiça social que eles têm. Eles querem avançar além das conquistas, querem resolver questões como as liberdades políticas, as questões individuais. Que, saúde, alimentação, educação eles tem da melhor qualidade. Há ainda algumas questões sociais não resolvidas, não há miséria, mas eu vi gente pedindo esmola. Eu avalio que eles exigem um regime que atenda as questões básicas, mas que permita aos indivíduos se desenvolverem, querem ter acesso ao desenvolvimento tecnológico a videocassete, forno de microondas. É período de muita agitação, de ebulição social, que eles vão levar muito tempo para assimilar. Mas certamente quando saírem deste ciclo vão estar num patamar muito superior.